

O PAPEL DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA EM VÍTIMAS DE BULLYING ESCOLAR

The role of parents in the development of resilience in victims of school bullying

Jeana Taize de Faria¹

Artigo encaminhado: 30/05/2019
Aceito para publicação: 11/05/2020

RESUMO: **Objetivo:** Investigar qual é o papel dos pais no desenvolvimento da resiliência em vítimas de *bullying* escolar. **Método:** Trata-se de um estudo bibliográfico de cunho qualitativo por meio de estudos levantados exclusivamente em base de dados online. A obtenção de dados teve início a partir da delimitação dos descritores “Bullying” e “Bullying, resiliência, família e adolescentes” e aplicados os critérios de inclusão e exclusão resultaram ao todo 22 artigos e 4 e-books que foram lidos na íntegra e levantados nos textos os aspectos que respondiam aos objetivos da pesquisa, para posteriormente serem analisados criticamente. **Resultados e discussão:** O *bullying* é uma intimidação sistemática, também entendida como perseguição indesejável, repetida e intencional, onde há desigualdade de poder, isto é, a vítima se vê incapaz de se defender e permanece sob grande sofrimento. Quem sofre dessa violência demonstra vários sinais fácies de se identificar, no entanto, são poucas as formas de intervenção a respeito do *bullying*. Portanto, é necessário auxiliar os pais a estimular a resiliência em seus filhos, os tornando capazes de enfrentar de maneira saudável essas situações estressantes. **Conclusão:** Esse artigo trouxe a reflexão sobre algumas maneiras dos pais promoverem o desenvolvimento da resiliência nos filhos, e pretende-se também com este estudo servir de incentivo a mais pesquisas nesta temática.

Palavras-chave: *Bullying*. Pais. Resiliência Psicológica.

ABSTRACT: **Objective:** Investigate which is the parent's role in the resilient development on school bullying victims. **Method:** related about bibliographic study qualitative aspect by exclusive research on online database. The data's acquirement had begun after delimitation of “Bullying” and “Bullying, resilience, family, and teenagers”, criteria applies of an inclusion and exclusion has resulted a total 22 articles and 4 e-books that we're read in full and the aspects found on texts that responds to the research objectives to post critic analysis. **Results and Discussion:** The bullying is a systematic intimidation, also understood as the unwanted pursuit, repeated and intentional, where there's inequality power, this way the victims see themselves incapable of defense and keeping in a state of suffering. Who suffers this violence demonstrate a lot of easy signals to the identification, however, there are few interventions related about the subject

¹ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-graduada em terapia Cognitivo-Comportamental em saúde pela mesma instituição. jeanataizedefaria@gmail.com

(bullying). Therefore, it's necessary to help the parents stimulate the resilience in their child, turning them to be capable of facing stressful situations in a healthier approach. **Conclusion:** This article brings reflection on some ways to parents promote the resilience development on their child and also intent to incentivate more researches about this subject.

Keywords: Bullying. Parents. Resilience Psychological.

1 INTRODUÇÃO

A violência no contexto escolar teve maior visibilidade após a exposição na mídia de casos graves de violência decorrentes de agressões que se caracterizam como *bullying*. Dentre os casos que causam maior espanto estão os atentados em massa, em que o agressor geralmente vítima de *bullying* por anos, mata e depois põe fim à própria vida. De acordo com Felizardo (2017) pela gravidade do problema, esse tipo de violência não se refere apenas a uma questão social e sim se trata de um problema de saúde. Portanto, torna-se necessário compreender a complexidade desse fenômeno.

É importante ressaltar que o *bullying* já existia antes mesmo de ter sido notado pela mídia e que sua atuação na escola causa prejuízos a quem está envolvido. O adolescente que sofre dessa violência tem sua atenção focada em tentar se desviar das atormentações sem motivos aparentes daquele que pratica o *bullying*. A vítima sente medo de ir a escola, porque corre o risco de ter seu material e uniforme estragados ou até mesmo que o agressor o agrida fisicamente. Além disso, as vítimas têm que aturar apelidos que só têm graça para o agressor, gestos provocativos e xingamentos, que frequentemente acontecem quando não há a presença de um adulto e quando há uma plateia que reforça o comportamento violento desse agressor, isto é, o adolescente que é vítima dessa violência sente-se perseguido e atormentado pelo agressor, vivendo sob grande sofrimento (FANTE, 2018).

Esse fenômeno quando banalizado dentro das escolas e encarado como fazendo parte do desenvolvimento da criança reduz a responsabilidade social (FELIZARDO, 2017). Portanto, os pais, a escola e a sociedade devem se posicionar para contribuir com a redução do número de casos de *bullying*. Segundo Silva (2017) se não houver nenhuma intervenção, o comportamento agressivo persiste na vida adulta, levando o agressor a cometer atos infracionais, como por exemplo, a violência doméstica. Quanto às vítimas, essas passam a

emitir comportamentos de evitação, sofrem com a baixa autoestima, tentam suicídio ou até mesmo comentem atos de violência contra o agressor.

É importante salientar que por mais que o tema seja amplamente discutido, encontrou-se uma lacuna no conhecimento no que se refere a atuação dos pais frente ao sofrimento de seus filhos vítimas de *bullying*. Foi encontrado pouco conhecimento sobre o tema, no entanto, chamou a atenção uma tese de mestrado com o tema “Promoção de resiliência em alunos vítimas de *bullying* no contexto escolar: qual o papel das figuras significativas?” escrita por Marilia Justino Ramos Galdino, na qual a autora busca compreender se o apoio da figura significativa favorece o desenvolvimento de capacidade de resiliência nos alunos vítimas do *bullying* no contexto escolar. Desta maneira, tendo como inspiração essa tese de mestrado, o presente estudo contribui para a literatura científica na medida em que busca por meio de seus objetivos específicos conceituar o fenômeno *bullying* nas escolas, apresentando também os sinais que os pais podem identificar nos filhos que são vítimas e quais são as estratégias de superação que esses adolescentes geralmente utilizam e a sua funcionalidade. Além disso, o estudo busca compreender o conceito de resiliência e fatores de risco e de proteção. A resiliência aqui retratada se refere ao processo de desenvolvimento em que o indivíduo é capaz de agir de maneira adequada diante de uma situação aversiva (ROZEMBERG, 2013). E por fim, como objetivo principal, busca-se investigar de que maneira os pais podem auxiliar os filhos vítimas de *bullying* a desenvolver a resiliência e buscar meios de lidar melhor com essa situação, visando a qualidade de vida de seus filhos.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo bibliográfico de cunho qualitativo por meio de estudos levantados exclusivamente em base de dados online. A pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de material já escrito sobre o tema, sendo coletados em sua maioria em livros e artigos científicos. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato dela permitir ao investigador um conhecimento amplo de uma gama de fenômenos (GIL, 2002).

A obtenção de dados teve início a partir da delimitação dos descritores. Quando utilizadas as palavras-chaves “*Bullying*” e “*Bullying*, resiliência, família e

adolescentes” foram encontrados nas bases de dados BVS, SciELO e Google Acadêmico um total de 7.634 resultados, sendo eles: artigos, teses, dissertações e livros.

Como critério de inclusão foram incluídos artigos e livros que explicam o fenômeno *bullying* e retratam qual o papel dos pais no desenvolvimento da resiliência das vítimas de *bullying*, a partir dos critérios: estejam publicados com texto completo nas bases de dados, sejam quantitativos ou teóricos, na língua portuguesa e artigos científicos nacionais, que sejam publicados entre os anos de 2013 a 2018, com o tema de ciências da saúde e delimitando o público para somente adolescentes.

Foram excluídos desta amostra de estudo artigos que não contenham essas informações, aqueles que se referem a pesquisas relacionadas à validação de instrumentos, ao *cyberbullying* e ao suicídio, que tem enfoque no agressor e artigos duplicados.

A primeira busca foi por meio da base de dados BVS, quando utilizada a palavra chave “*Bullying*” foram encontrados 5.882 resultados e retirados 23 artigos científicos, 1 tese e 1 dissertação a partir dos critérios de inclusão. A segunda busca foi pela plataforma SciELO usando a palavra chave “*Bullying*” foram encontrados 502 resultados e retirados 35 artigos científicos de acordo com os mesmos critérios de inclusão. A última busca foi realizada no Google acadêmico quando utilizado a palavras-chave “*Bullying*, resiliência, família e adolescentes” foram encontrados 1.250 resultados, sendo eles, artigos científicos, teses e livros. Destes 1.250 foram utilizados aqueles que melhor descreviam o *bullying* e a capacidade de desenvolvimento de resiliência das vítimas de *bullying* escolar.

A segunda etapa foi realizada a leitura dos títulos e os resumos com o objetivo de retirar da amostra aqueles artigos que se enquadram nos critérios de exclusão. Na base de dados BVS mantiveram-se 8 artigos, na base de dados SciELO mantiveram-se 4 e no google acadêmico mantiveram-se 10 artigos e 4 e-books. Resultando ao todo 22 artigos e 4 e-books que foram lidos na íntegra e levantados nos textos os aspectos que responderam aos objetivos de pesquisa, para posteriormente serem analisados criticamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os artigos selecionados quinze (60%) eram estudos empíricos e onze (44%) eram trabalhos teóricos, sendo quatro deles em formato de e-books, um de meta análise e seis de revisão de literatura. Observou-se maior número de publicações sobre a temática no ano de 2015, sendo nove publicações neste ano. No ano de 2017 também houve grande número de publicações, sendo seis publicações neste ano.

Por meio de levantamento de literatura, notou-se que os primeiros estudos sobre *bullying* no Brasil aconteceram de maneira tardia em comparação a outros países mais desenvolvidos, começando somente em 2002 pela Associação Brasileira multiprofissional de proteção à infância e à adolescência (ABRAPIA), uma Associação que se preocupava com a redução desse fenômeno. Essa Associação teve grande importância no que diz respeito a despertar o interesse de mais pesquisadores para esse tema (FELIZARDO, 2017).

Dentro do conceito e das características do *bullying*, não se refere a um conflito normal (FANTE, 2018), pois a vítima não provocou esse tipo de comportamento (FELIZARDO, 2017). O *bullying* é uma intimidação sistemática (FELIZARDO, 2017; SOUZA, 2017), também entendida como perseguição e humilhação (FELIZARDO, 2017), repetida e intencional (FANTE, 2018; FELIZARDO, 2017; POLIDORI, 2015; SILVA, 2015; SOUZA, 2017), indesejável (FELIZARDO, 2017), violenta (POLIDORI, 2015; SILVA, 2015), onde há desequilíbrio ou desigualdade de poder (FELIZARDO, 2017; SILVA, 2015), isto é, o agressor usa a força ou a influência para intimidar (POLIDORI, 2015; SILVA, 2015) ou ainda, dominar a vítima e ser cruel com ela (FELIZARDO, 2017) e a vítima se vê incapaz de se defender (FANTE, 2018; FELIZARDO, 2017; SILVA, 2015), causando nela grande sofrimento (POLIDORI, 2015).

Geralmente, o agressor está matriculado no mesmo colégio ou mora no mesmo bairro que a vítima (SILVA, 2017) e as agressões ocorrem longe dos olhares dos adultos (FELIZARDO, 2017). As agressões também podem acontecer dentro de sala de aula com a presença do professor ou no intervalo (BARBOSA; FREITAS; LAMAS, 2013). Nesses casos quando há a presença de espectadores, esses fazem papel de plateia, o que reforça o ato agressivo, mesmo que de maneira não intencional (SOUZA, 2017).

Sendo um fenômeno complexo, o *bullying* se manifesta em diferentes tipos de agressões. Elas podem se dividir em diretas e indiretas (SILVA, 2017).

As diretas são as agressões físicas (FELIZARDO, 2017; POLIDORI, 2015; SILVA, 2015; SILVA, 2017), verbais, sexuais (FELIZARDO, 2017; POLIDORI, 2015; SILVA, 2017), em forma de gestos e caretas (FELIZARDO, 2017) e as indiretas se caracterizam por serem mais sutis e difíceis de se identificar o agressor, sendo agressões psicológicas e morais (POLIDORI, 2015; SILVA, 2015; SILVA, 2017).

Para que seja possível identificar um adolescente vítima de *bullying*, é importante que os pais fiquem atentos em relação aos sinais que seus filhos podem apresentar. Os sinais, também entendidos como consequências do *bullying*, podem ser de caráter psíquicos e comportamentais (SILVA, 2015), entre eles estão: dores de cabeça, cansaço crônico, tensão muscular (KIENEN; PERCOSKI; SANTOS, 2015; SILVA, 2015), tonturas ou desmaios, calafrios, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, formigamento, sudorese, tremores, sensação de nó na garganta (SILVA, 2015), insônia (KIENEN; PERCOSKI; SANTOS, 2015; MALTA et al, 2016; SILVA, 2015), dificuldades de concentração, baixo rendimento escolar (FILHO et al, 2013; PEREIRA et al, 2015; SILVA, 2015; SOUZA, 2017), demonstram medo, mal estar psicológico (FILHO et al, 2013), raiva, vergonha, desmotivação, tristeza, impotência, irritabilidade, ansiedade (FILHO et al, 2013; MEDEIROS et al, 2015; SILVA, 2015), baixo apetite e enurese (KIENEN; PERCOSKI; SANTOS, 2015). Além de serem alvos de piadas, apelidos e provocações (MARAFON; NASCIMENTO; SCHEINVAR, 2014). As vítimas também buscam mais a presença de adultos, inventam desculpas para faltar a escola, raramente recebem visitas de amigos, começam a pedir dinheiro a mais do que o comum, podem apresentar ferimentos, arranhões, hematomas, cortes e roupas danificadas (SILVA, 2015).

A vítima quando vivencia o *bullying* por muitos anos também pode apresentar alguns transtornos mentais, como por exemplo: Transtorno de ansiedade Generalizada (TAG) (SILVA, 2015; SOUZA, 2017), Transtorno do Pânico, Transtorno de Estresse Pós Traumático, Transtorno Obsessivo compulsivo (TOC), Fobia escolar e Social, Anorexia e Bulimia (SILVA, 2015) e Depressão (PEREIRA et al, 2015; SOUZA, 2017).

Também é possível identificar as vítimas por meio de preditores individuais e contextuais (KIENEN; PERCOSKI; SANTOS, 2015). Nos preditores

individuais foi observado que as vítimas são pouco sociáveis (FILHO et al, 2013; KIENEN; PERCOSKI; PEREIRA et al, 2015; SANTOS, 2015; MALTA et al, 2016; SILVA, 2015), frágeis fisicamente, sensíveis, tímidos, retraídos, passivos, submissos, têm dificuldades em se impor, são inseguros (SOUZA, 2017) e com baixa autoestima (BRITO; OLIVEIRA, 2013; FILHO et al, 2013; SOUZA, 2017). E nos preditores contextuais foram identificados fatores como o clima escolar, a popularidade e a amabilidade (KIENEN; PERCOSKI; SANTOS, 2015). Nota-se também que há uma maior predominância em adolescentes entre 13 anos (MEDEIROS et al, 2015) a 16 anos, do sexo masculino e de pele negra (MALTA et al, 2016).

Em relação às estratégias de superação que os adolescentes vítimas de *bullying* geralmente utilizam, as principais são silenciar, revidar, dão a entender que estão gostando da brincadeira e pedir por ajuda (FERREIRA; GALDINO, 2013). As pessoas que as vítimas geralmente recorrem são a polícia, a mãe (COIMBRA; FRANCISCO, 2015; FERREIRA; GALDINO, 2013), o pai, o irmão mais velho, os amigos da escola, os funcionários da escola, como professores e a direção da escola (FERREIRA; GALDINO, 2013) e em último caso, a justiça (POLIDORI, 2015). Observou-se que quando as vítimas procuraram ajuda da direção da escola, nenhuma intervenção é realizada (COIMBRA; FRANCISCO, 2015; FERREIRA; GALDINO, 2013; POLIDORI, 2015), algumas vítimas nem sequer buscam a direção da escola, pois não têm certeza de que os agressores serão responsabilizados (FILHO et al, 2013). Algumas vítimas relataram que recorrem a mãe deles, pois acreditam que essa se mostra como uma boa conselheira (COIMBRA; FRANCISCO, 2015), em contrapartida, outras vítimas afirmaram que não pedem ajuda às suas mães, pois têm vergonha e medo que a situação piore ainda mais (FILHO et al, 2013). Algumas vítimas ainda acreditam que buscar ajuda de adultos significa não ter autonomia suficiente e estariam então, demonstrando fraqueza (BARBOSA; FREITAS; LAMAS, 2013). A literatura também salienta que possuem dificuldades em serem assertivas, o que pode ser a causa das vítimas se manterem nessas agressões (ARGIMON, 2016).

Em famílias em que os pais são menos afetivos o indivíduo tende a não os solicitar por ajuda. Um fator que pode estar dificultando são que os pais desconhecem as causas, as consequências e o que eles podem fazer para

auxiliar o filho no enfrentamento diante do *bullying*. Alguns pais também veem essa violência escolar como algo necessário para o amadurecimento e somente dão atenção a esse fenômeno quando ocorrem agressões físicas severas. Além disso, quando a relação dos pais com a escola é ruim há falta de confiança dos pais em procurar a escola para resolver o problema. Do contrário, quando a família se posiciona a ajudar, ela se mostra um fator protetivo para que a criança supere o *bullying* (BORSA ; PETRUCCI; KOLLER, 2015).

A literatura se refere ao conceito de resiliência como a capacidade de se recuperar, superar, ou dar um novo significado a uma dificuldade, mudança ou problema (BARANKIN, 2013; JESUS et al, 2015; POLIDORI, 2015; ROZEMBERG, 2013). A pessoa resiliente sabe lidar com as adversidades (BORSA; PETRUCCI; KOLLER, 2015), se adapta de maneira saudável a situações estressantes (BARANKIN, 2013; JESUS et al, 2015), aprende com a experiência que vivenciou e retoma a seu estado natural de excelência (BARANKIN, 2013; POLIDORI, 2015). A resiliência é algo esperado do desenvolvimento humano (JESUS et al, 2015), quando o indivíduo se desenvolve de maneira positiva, mesmo que tenha vivenciado algumas adversidades (CHRISPINO; GONÇALVES, 2013). Foi observado que a pessoa resiliente possui algumas características intrínsecas e extrínsecas (ROZEMBERG, 2013). A primeira se refere a capacidade de controlar as suas emoções, possui uma auto imagem positiva, otimismo, bom humor, assertividade, entre outras características de superação (BARANKIN, 2013) e a segunda está relacionada com fatores de proteção como por exemplo, vínculo familiar de qualidade e rede de amigos (BARANKIN, 2013; ROZEMBERG, 2013). Além dos fatores de proteção, que previne a pessoa de sofrer *bullying*, também existem os fatores de risco para os adolescentes se envolverem com o *bullying* que são: baixa condição socioeconômica, perdas na família, estilos parentais ineficazes, conflitos familiares, entre outros (OLIVEIRA, 2017 ; ROZEMBERG, 2013).

É no seio da família onde a criança começa a se desenvolver repertórios de comportamento e a internalizar as emoções. Desta maneira, foi observado por meio de uma revisão de literatura que a maneira como a família está estruturada influencia no envolvimento da criança com o fenômeno *bullying* (BORSA; PETRUCCI; KOLLER, 2015; OLIVEIRA, 2015). Portanto, nas famílias

onde houve a separação conjugal ou ainda, em famílias monoparentais são vistas como fatores de risco, na medida em que há maior dificuldade de aproximação entre um dos pais e os filhos, o que acarreta aos filhos não buscarem a ajuda dos pais. Além disso, em ambiente familiar conflituoso, envolvendo agressividade, estresse e sentimento de raiva, esse contexto faz com que as crianças sigam o modelo dos pais, adotando as mesmas atitudes em suas relações e não buscando resolver seus conflitos (OLIVEIRA, 2015).

A condição socioeconômica e o nível de escolaridade dos pais também são vistos como determinantes para o envolvimento do *bullying*, pois são fatores que estimulam a desigualdade e o preconceito, além da escassez de recursos intelectuais no trato com o *bullying* (OLIVEIRA, 2015).

As práticas parentais mais autoritárias, onde há a utilização de castigos físicos e sem abertura para a comunicação, faz com que a criança lide com seus conflitos de forma violenta, agressiva e não são ensinados a controlar suas emoções. Por outro lado, as práticas parentais mais afetivas sugerem que os pais ofereçam maior envolvimento, aceitação e apoio aos filhos, além de constante supervisão da qual oferece a criança o sentimento de proteção e propicia espaço para uma comunicação assertiva (BARANKIN, 2013; JESUS et al, 2015; KIENEN; PERCOSKI; SANTOS, 2015; MALTA et al, 2016) e um desenvolvimento emocional saudável (OLIVEIRA, 2015). A comunicação assertiva propicia a expressão adequada dos sentimentos e a respeitar os sentimentos dos outros. Quando necessário, os pais podem ensinar aos filhos a controlar as emoções exacerbadas por meio de técnicas de relaxamento (BARANKIN, 2013).

A família como promotora do desenvolvimento da resiliência pode investir em um vínculo familiar de qualidade, pois a segurança, o apoio e o cuidado que passará a seus filhos irá ajudá-los a construirão uma boa autoestima e aceitação da autoimagem. Além do mais, o adolescente que vive em um ambiente protegido sente-se seguro para superar as adversidades que pode ter que enfrentar em outros contextos (AVANCI, 2014).

É importante que os pais estimulem os filhos a acreditarem em si mesmo, proporcionando a eles experiências de acordo com a idade, os ensinando a assumir uma postura positiva diante de desafios e a criar estratégias realistas de

resolução de problemas (BARANKIN, 2013). Além de orientá-los maneiras de lidar com a violência (FERREIRA; GALDINO, 2013; GOUVEIA, 2017).

Por fim, é de responsabilidade dos pais proporcionar aos filhos sentimento de pertencimento (BARANKIN, 2013), manter uma relação baseada em empatia, respeito, boa comunicação, escuta, solidariedade, segurança, carinho, confiança, compreensão, sensibilidade e preocupação (FERREIRA; GALDINO, 2013).

4 CONCLUSÃO

De acordo com essa revisão de literatura foi possível levantar dados de que o *bullying* é um fenômeno bastante complexo, prejudicial e não faz parte do desenvolvimento humano. Isto é, a pessoa que pratica ou sofre o *bullying* não está passando por uma fase, não é uma brincadeira entre jovens, são atos de violência que se manifestam de maneiras bem evidentes, como na agressão física ou podem acontecer de maneira sutil, no caso de o agressor isolar a vítima sem que ela saiba quem é a pessoa responsável por isso.

A vítima escolhida para ser alvo das agressões geralmente é uma pessoa incapaz de se defender, portanto alguém que necessita do apoio de adultos. É fácil de identificar os sinais de que uma pessoa está sendo vítima de *bullying* e é de suma importância que os pais estejam atentos aos sinais, pois quando não ocorre nenhuma intervenção os sintomas das agressões podem se agravar, levando a vítima de *bullying* a desenvolver alguns transtornos mentais como a Fobia Social citado anteriormente.

É necessário também, que as escolas estejam preparadas na prevenção e intervenção do *bullying* para que as vítimas se sintam à vontade para revelar os abusos que sofrem e tenham confiança de que a escola em que estudam irá tomar alguma providência em relação a isso.

Além do mais, foi observado que os pais precisam de orientação a respeito de como lidar com um filho que sofre *bullying*, visando ajudá-lo a superar esse problema. Uma das maneiras disso acontecer, é por meio do desenvolvimento da resiliência. A resiliência é algo esperado no desenvolvimento humano, visto que todas as pessoas em algum momento da vida irão passar por alguma situação de dificuldade, a qual necessita enfrentar de maneira saudável. Esse artigo trouxe algumas maneiras dos pais

promoverem o desenvolvimento da resiliência nos filhos, e pretende-se também com este estudo servir de incentivo para mais pesquisas nesta temática.

REFERÊNCIAS

ARGIMON, Irani Iracema de Lima et al. Habilidades Sociais e *bullying* em Adolescentes. *Temas em Psicologia*, v. 24, n. 1, p. 251-259, 2016. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2016000100013&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt>

AVANCI, Joviana et al. Resiliência, gênero e família na adolescência. Ciênc. saúde coletiva, v. 19, n. 03, 2014. Disponível em:
<<https://www.scielosp.org/article/csc/2014.v19n3/673-684/>>

BARANKIN, Tatyana . Aperfeiçoar a resiliência de adolescentes e suas famílias. *Adolesc. Saúde*, v. 10, n. 2, p. 17-22, 2013. Disponível em <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=401>

BARBOSA, Altemir José Gonçalves; FREITAS, Eduarda Rezende; LAMAS, Karen Cristina Alves. *Bullying e Relação Professor-Aluno: Percepções de Estudantes do Ensino Fundamental*. *Psico*, v. 44, n. 2, p. 263-27, 2013. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11738/9645>>

BORSA, Juliane Callegaro; PETRUCCI, Giovanna Wanderley ; KOLLER, Sílvia Helena. A participação dos pais nas pesquisas sobre o bullying escolar. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n.1, p. 41-48, 2015. Disponivel em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572015000100041&script=sci_abstract&tlang=pt>

BRITO, Camila C; OLIVEIRA, Marluce T.. Bullying e autoestima em adolescentes de escolas públicas. *J Pediatr*, v. 89, n. 6, p. 601–607, 2013. Disponivel em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572013000600014&lang=pt>

CHRISPINO, Alvaro; GONÇALVES, Daniel Evangelho. Políticas públicas sistêmicas para a redução da violência: a visão de futuro e a resiliência. *Aval. pol. públ. Educ*, v. 21, n. 81, p. 821-838, 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v21n81/09.pdf>>

COIMBRA, Renata Maria; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Análise do bullying escolar sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. *Estudos de Psicologia*, v.

20, n. 3, p. 184-195, 2015. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/html/261/26142572007/>

FANTE, Cléo. Prudente NM. Bullying em debate. *Editora Paulinas*; 2018.

FELIZARDO, Aloma Ribeiro. Bullying escolar: prevenção, intervenção e resolução com princípios da justiça restaurativa. *InterSaber*; 2017.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde ; GALDINO, Marília Justino Ramos. O apoio das figuras significativas na superação do bullying no contexto escolar. *Psico. Educ*, v. 37, n. 2, p. 31-41, 2013. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n37/n37a04.pdf>

FILHO, Manoel Dias de Souza et al. A cultura bullying na escola a partir do olhar das vítimas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 27-40, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v13n1/v13n1a03.pdf>

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa - 4. ed. -São Paulo: *Atlas*, 2002.

GOUVEIA, Valdiney Veloso et al. Valores Humanos e bullying: Idade e Sexo Moderam essa Relação? *Temas em Psicologia*, v, 25, n. 3, p. 1317-1328, 2017. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2017000300018&lng=pt&nrm=iso&tlang=pt

JESUS SN, et al Prevenção da violência através da resiliência dos alunos. *Psicologia, saúde & doenças*; v. 16, n. 1, p. 35-43, 2015. Disponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v16n1/v16n1a05.pdf>

KIENEN, Nádia ; PERCOSKI, Izadora Ribeiro; SANTOS, Mariana Michelena. Bullying: Atitudes, Consequências e Medidas Preventivas na Percepção de Professores e Alunos do Ensino Fundamental. *Temas em Psicologia*, v. 23, n. 4, p. 1017-1033, 2015. Disponivel em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400017&lng=pt&nrm=i&tlang=pt

MALTA, Deborah Carvalho et al. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572016000100032&lang=pt

MARAFON, Giovanna; NASCIMENTO, Maria Lívia do; SCHEINVAR, Estela. Conflitos enquadrados como bullying: categoria que aumenta tensões e impossibilita análises. *Psic. Clin.*, v. 26, n. 2, p. 87-104, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200006>

MEDEIROS, Marcelo et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto Contexto Enferm*, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015. Disponível em: ,http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000200344&lang=pt>

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 22, n. 5, p. 1553 - 1564, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002501553&lng=pt&tlnq=en>

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*,, v. 20, n. 1, p. 121-132, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v20n1/1413-8271-pusf-20-01-00121.pdf>>

PEREIRA, Ana Carina Stelko et al. Bullying, vitimização por funcionários e depressão: Relações com o engajamento emocional escolar. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 19, n. 3, p. 463-473, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300463>

POLIDORI, Marlise Morosini. O bullying na escola e o papel do estado. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 24, n. 2, p. 109-126, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/viewFile/2499/220>>

ROZEMBERG, Laila Bom. Resiliência na adolescência: Uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas [dissertação]. Fio Cruz: Rio de Janeiro; 2013. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/24384/1/344.pdf>>

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: mentes perigosas nas escolas. *Globo Livros*; 2015.

SILVA, Elenice da. Combate ao Bullying por meio dos princípios e práticas da justiça restaurativas. *InterSaber*; 2017.

SOUZA, Eliakim Kaiam Oliveira de. Educando para a empatia: Um projeto anti-bullying. Instituto de Artes Departamento de Desenho Industrial, Brasília, 2017. Disponível
em:<http://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/18651/1/2017_EliakimKaiamOliveiraSouza.pdf>